

A euforia ocidental da felicidade

*Ana Maria Marques**

BRUCKNER, Pascal. **A euforia perpétua**: ensaio sobre o dever da felicidade. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

Doutor em Letras, romancista e ensaísta francês, Pascal Bruckner publicou 15 livros, teve uma obra, "Lua de Fel", adaptada para o cinema por Roman Polanski. Lecionou em Nova York e em San Diego, na Califórnia. Aos 53 anos, mora em Paris com a segunda esposa e a filha, de 7 anos.¹ Longe de pensar que atingiu a felicidade, ele critica a obsessão contemporânea que transformou a felicidade em sentido para a vida.

"L'euphorie perpétuelle" foi publicada na França em 2000, traduzida por Rejane Janowitz e lançada este ano pela DIFEL/Bertand Brasil (240 p.), intitulada "A Euforia Perpétua: ensaio sobre o dever da felicidade". Não estou certa de se tratar de um ensaio, como diz a tradução. A obra divide-se em quatro partes, mais uma introdução e uma conclusão.

O primeiro capítulo da primeira parte desenvolve a idéia de que o iluminismo do século XVIII transformou as expectativas de felicidade pós-morte, embasadas no cristianismo e nas promessas de um paraíso celestial como forma de remissão dos pecados e salvação contra o inferno em hedonismo terrestre. O autor coloca que o prazer e o bem-estar serão defendidos em oposição ao sofrimento. Se antes o sofrimento era uma norma para uma conquista, depois passa a ser algo extirpado da vida, pois torna-se um impedimento à felicidade.

O segundo capítulo trata das promessas de felicidade terrena. Torna-se presente a idéia de grandeza: progressos materiais e técnicos. O corpo, antes invólucro da alma, agora é um amigo, nosso único esquife sobre a terra. Conclui o autor: "a sociedade da felicidade proclamada torna-se pouco a pouco obcecada pelo desgosto,

perseguida pelo medo da morte, da doença, do envelhecimento". (BRUNCKNER, 2002, p. 49).

A busca da felicidade escravizou a civilização moderna à sua própria necessidade. Freud, na década de 1920-30, escrevia sobre isso na obra: "Mal-estar na civilização". Ele, ao explicar como as estruturas psíquicas justificam as razões dos comportamentos humanos, lembra que a memória da morte do pai primevo para a realização dos prazeres individuais acompanhará o ego alimentando os sentimentos de culpa e necessidade de punição. Então, seguindo este raciocínio, a felicidade individual buscada estará sempre controlada pela felicidade altruísta que é controladora do bem-estar social e provoca, em contrapartida, um mal-estar individual, um sentimento de insatisfação que acompanha esta civilização, que Freud não chama de moderna, nem de contemporânea, mas que Bruckner caracteriza como pós-iluminista.

No capítulo que trata das disciplinas da beatitude o autor ataca o uso mercadológico da espiritualidade, do culto ao corpo, da alimentação saudável – métodos físicos, somáticos, químicos, espirituais ou informáticos. Citando Bertrand Leclair, denuncia a existência de uma indústria da consolação. A evidência do corpo transforma-o em ameaça latente, por isso as pessoas procuram as academias (máquinas de tortura espontânea que podem até mesmo ser reproduzidas em casa) para sentirem prazer com a aparência e se torturarem fazendo o "corpo parecer o de um esfolado, como se o interior aparecesse por cima da pele" (p. 67). Reforçando esta idéia o autor diz, ironicamente, que a diferença da época medieval é que hoje podemos carregar a Inquisição (os instrumentos de tortura) conosco.

A segunda parte recebeu o título de "O reino do insípido ou a invenção da banalidade". Trata do quão efêmeras se tornaram as coisas, o próprio homem um ser "protético", "desvestindo objetos a todo instante, conectado ao mundo inteiro, tem tudo de um soldado conduzindo uma guerra sem fim" (p. 92). E diz mais: "o nosso corpo abriga um matador em potencial" (p. 111). Sobre esta questão da frivolidade, outro escritor francês, o filósofo Gilles Liovetsky,

lançou em 1987, "O Império do Efêmero", obra que trata sobre a moda ocidental do século XIV ao XX. Em entrevista recente, este autor diz estar agora mais preocupado com o paradoxo do mercado de consumo, pois "quanto mais a sociedade se volta para o espetáculo, para a frivolidade, mais aumentam sua ansiedade, angústia e depressão"². Lipovetsky reforça esta discussão acadêmica sobre a massificação, e não-democratização do consumo, sobre esta busca do prazer que vão assumindo novos objetos de sedução ligados ao corpo e à mobilidade. Estas questões estão sendo e precisam ser debatidas entre diversas áreas.

A historiadora Denise B. de Sant'Anna (2001), aproveita Bruckner ao problematizar o corpo enquanto entidade desnaturalizada a partir do século XIX, e argumenta que, de uma forma crescente, o corpo passa a ser "de passagem" a outros corpos na busca frenética da imortalidade da vida em vida. Segundo Bruckner, os anos 60 decretaram o prazer perpétuo ao conclamarem não ao comodismo do cotidiano e criaram uma utopia que serviu aos próprios situacionistas. O prazer deixa de ser prazer quando confunde-se com a ordem das coisas, conclui.

Na terceira parte da obra, ele ataca a burguesia como aquela que engendrou um sujeito coletivo, partilhando os mesmos desejos. "É uma felicidade sem brilho que a nova classe de empresários e comerciantes prometia: fora da loja e do dinheiro, nenhuma salvação" (p. 143). Os anos 60, anunciando a liberação dos costumes, teriam inaugurado o ódio à massificação de um ideal de vida. Os norte-americanos, segundo o autor, transformaram modelos em pastiches e o gosto do lucro, para eles, tornou-se uma paixão coletiva. O movimento anti-burguês da década de 60 não diminuiu a força do capitalismo. Dizia-se não à escravidão de um modelo burguês, porém não ao dinheiro. O problema, denuncia o autor, é quando ele deixa de ser intermediário da vida para ser o próprio sentido da mesma. Se tanto se fala que "dinheiro não traz felicidade", por que não devolvê-lo (sugestão de Marcel Proust, citada pelo autor)? Afinal, "não depender do dinheiro é saber que não se viveria diferentemente mesmo que se tivesse muito mais" (p. 183). Nas pala-

bras de Bruckner, o “verdadeiro luxo [...] é a invenção da própria vida, é o poder sobre o próprio destino” (p. 186).

A quarta parte, enfim, trata do crime de ser infeliz. As angústias provocadas pela busca da felicidade transformaram em infelicidade tudo que não é prazer. O sofrimento só é aceito se for transformado em bom – aquele capaz de se converter em poder e em conhecimento. Certos guerreiros do martírio (portadores de HIV, suicidas, doentes de câncer), são citados como “supliciados magníficos” por banirem os cânones que o Ocidente fixou para a dor: a humildade, o heroísmo ou a revolta.

Pascal Bruckner em toda esta obra, critica a escravidão do homem moderno ocidental que, ao promover a felicidade como ideal de vida, criou um paradoxo: a angústia de nunca atingir esta felicidade, tão efêmera, tão frívola e presa à materialidades, à vida em si mesma. Esta “prisão” moderna, não permitiu aos indivíduos a visão de outras coisas importantes, como a liberdade, sugere o autor. Acrescenta: “talvez seja tempo de dizer que o ‘segredo’ de uma vida boa é não levar a sério a felicidade” (p. 240).

Ao sugerir a liberdade como uma alternativa à felicidade, penso que Bruckner não esteja querendo reduzir caminhos ou defender outra modalidade de vida, até mesmo porque ele está fazendo uma crítica a todo um direcionamento que fez crer na felicidade como sentido da vida e cair num contraponto seria arriscar-se a cometer os mesmos erros da escolha por uma opção. Contudo, ele não deixa claro o que entende por liberdade. Ao colocar liberdade no singular, singulariza e reduz o seu próprio sentido, que, na abordagem do autor, parece não se preocupar em esclarecer este ponto.

A contribuição importante desta obra é enriquecer essa discussão da trajetória da felicidade, que se tornou obsessão no mundo ocidental, permeando vários tipos de discursos presentes ainda hoje e amplamente questionados no âmbito acadêmico e nas interfaces com diversas áreas do conhecimento.

Nota

* Doutoranda em História pela UFSC, Mestre em História pela UFSC.

¹. Informações biográficas lançadas em matéria assinada por Paula Mageste, na revista *Época*, 19 jul. 2002.

². Entrevista assinada por Silvia Rogar, nas páginas amarelas da Revista *Veja*, de 25 set. 2002.

Referência

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

